



JORNALISMO AMBIENTAL E EDUCAÇÃO: UMA ALTERNATIVA VIÁVEL

Luciana Lígia Belarmino Gonçalo - UFPB
choice.tv@gmail.com

Resumo

O presente artigo faz um questionamento acerca da cientificidade do Jornalismo Ambiental e sua capacidade de adequação ao ensino de meio ambiente nas escolas. O que buscamos é aqui é configurar uma ferramenta didática que possibilite a implantação da educação ambiental, em nível primário, através do Jornalismo Ambiental de forma multidisciplinar e transversal através da utilização de programas jornalísticos ambientais.

Palavras-chave: Educação, Jornalismo Ambiental e comunicação.

Abstract

The present article makes a questioning concerning the of the Ambient Journalism and its capacity of adequacy to the education of environment in the schools. What we search is here is to configure a didactic tool that the implantation of the ambient education makes possible, in primary level, through the Ambient Journalism of form to multidiscipline and transversal line through the use of ambient journalistic programs.

Keywords: Education, Ambient Journalism and Communication.

1- INTRODUÇÃO:

A questão ambiental emerge como uma crise de civilização caracterizada pelos limites do crescimento, da construção de novo paradigma de produção sustentável, do fracionamento do conhecimento, da emergência da teoria de sistemas e do pensamento da complexidade. Apesar de ser uma necessidade emergente a Educação Ambiental ainda não é uma realidade em nossas escolas. As principais tentativas de implantação efetiva da educação ambiental esbarraram nos Parâmetros curriculares Nacionais (PCN) e nos problemas estruturais, políticos, sociais e culturais encontrados em todo o território nacional. Tendo em vista o ainda alto índice de analfabetismo e da evasão escolar, vislumbramos no Jornalismo Ambiental uma possibilidade de dinamicidade na discussão e no ensino de meio ambiente. Mas será essa uma alternativa viável? É o que veremos ao final deste artigo.

Abordar o meio ambiente não é apenas relevante, é necessário em um mundo economicamente desenvolvido e que testemunha as mudanças climáticas decorrentes do crescimento econômico e da crescente degradação. Mas a abordagem ambiental não pode ser leviana ou por necessidade factual. É preciso atentar para alguns fatores fundamentais.

De acordo com Linhares (2002), num país com alto nível de analfabetismo, a TV ainda configura um veículo de amplo alcance nacional chegando aos lugares mais longínquos do país e ocupando uma posição de evidência na mídia nacional. Ela assumiu um caráter doméstico e forte envolvimento emocional com o seu público que, com sua crescente credibilidade, deixou de ser apenas um emissor para participar da dinâmica social. A TV possui uma diversidade de formatos e abordagens que propiciam a educação ambiental, e ainda reúne de forma mais completa os elementos que compõem a notícia (texto, imagem e som).

Dentro dessa diversidade de formatos encontramos no jornalismo a possibilidade de utilização de sua produção em sala de aula. O jornalismo é uma atividade importante no tratamento de temáticas diversas devido sua capacidade de tradução. Além disso, a atividade jornalística evoluiu e adquiriu especialidades que propiciam a abordagem das mais variadas temáticas com precisão e propriedade.

Mas foi a preocupação com os problemas originados pelo mau uso dos recursos naturais que o meio ambiente começou a ocupar espaço na mídia. A partir daí a temática passou a ser discutida e divulgada em revistas especializadas e na mídia em geral. Foi então que as Conferências e Fóruns mundiais passaram a estabelecer metas e determinar regras para a manutenção e re-equilíbrio atmosférico.

Segundo Gonçalo (2006), com a conferência de 92, a temática ambiental foi destaque em todos os meios de comunicação de massa mantendo sua presença no cenário nacional por algum tempo. Durante o evento foi elaborado o Tratado da Biodiversidade, que estabelecia medidas de prevenção das espécies vivas do planeta, nesse documento **a comunicação é considerada “agente de formação social”** e os países desenvolvidos foram convidados a assumir compromissos para assegurar o desenvolvimento sustentável.

No mesmo período, acontecia um evento paralelo no Aterro do Flamengo, o Fórum Global que discutia os temas da Eco 92 e pressionava os líderes de nações desenvolvidas a assumir responsabilidades com a preservação do planeta.

O jornalismo é um interprete da realidade a partir do momento que define, explica e comenta os acontecimentos. É capaz de disseminar conceitos, visões e propor interpretações da realidade por meio de uma linguagem característica. Mas o jornalismo não é uma atividade isenta de imposições econômicas, ideológicas e empresariais, enquanto produção de informação o jornalismo é uma atividade importante na formação social. E pode, com suas estratégias argumentativas, abordar o meio ambiente numa perspectiva de ampliação da visão pública e, porque não como ferramenta para a implantação da Educação Ambiental nas escolas (GONÇALO, 2006).

De acordo com Moraes (2004), foi na terceira década do século XX que a ecologia definiu-se como ciência e tema filosófico, nesse período foi estabelecido um paralelo entre natureza e cultura, visto que o homem é um ser criador de cultura e vive em interatividade social. A partir dos anos 60 e 70 surge o conceito de ecologização das sociedades, com estudos, conferências e congressos. Este conceito refere-se à preocupação ecológica e midiológica, em decorrência das relações do homem com a natureza.

É pensando nessa ecologização que o presente ensaio vislumbra discutir a utilização do Jornalismo Ambiental como ferramenta para desenvolver a Educação Ambiental. Mas essa relação será melhor explicada mais a frente.

2 - O JORNALISMO: DO CIENTÍFICO AO AMBIENTAL

O jornalismo que aborda as questões do meio ambiente, designado Jornalismo Ambiental tem sua origem no Jornalismo Científico. De acordo com Oliveira (2002) foi através da divulgação da ciência e tecnologia que os assuntos referentes ao desenvolvimento sustentável passaram a ser discutidos e debatidos no mundo.

O Jornalismo Ambiental, segundo Linhares (2002), apresenta características referentes a sua abordagem que lhe dão um caráter especial, mas essa característica não o torna uma especialidade jornalística. A capacidade de tradução para o público de massa exige responsabilidade e compreensão do jornalista, e essa capacidade é que dá o tom de especialidade.

A função do Jornalismo Ambiental é abordar de forma profunda, sistêmica e científica o meio ambiente e suas implicações no planeta, a curto e longo prazo. Ele deve informar, educar e transformar, preparando a população para entender determinados assuntos de modo a fazer escolhas independentes.

O ecojornalista, como é denominado o jornalista especializado na temática ambiental, deve mostrar que, assim como os problemas ambientais devem ser analisados de forma sistêmica, as suas responsabilidades devem ser individuais, acabando com o ciclo vicioso de transferir os problemas unicamente às autoridades. Como afirma Villar (apud VILAS BOAS, 2004, p. 35): “A imprensa cumpre sem problema seu papel de informar, embora costume assustar a população. Mas, diante da crise ecológica, a imprensa também precisa assumir responsabilidade de educar e transformar.”.

Considerando a capacidade de análise e tradução característica, capaz de dissecar as temáticas ambientais levantando todas as esferas transversais avaliando suas conseqüências locais e mundiais, do Jornalismo Ambiental percebemos nele a possibilidade de trazer de forma dinâmica, interativa e simplificada explicações importantes a promoção da educação ambiental nas escolas. Além disso, sua implantação em sala de aula é simples e acessível, podendo ainda ser configurada em aulas pontuais em todas as disciplinas do currículo.

Apesar da ampla abordagem do Jornalismo Ambiental sua utilização em sala de aula encontra barreiras: 1) a atividade ainda não é amplamente difundida no Brasil; 2) carência de profissionais especializados a aptos a abordar de forma profunda as questões ambientais; 3) pequena produção de programas de rádio e de TV com uma abordagem verdadeiramente ambiental.

Significa dizer que mesmo que a pauta ambiental faça parte do cotidiano da imprensa nacional e mundial, essa especialidade jornalística ainda apresenta dificuldades quanto a sua abordagem na mídia de massa. Dificuldades essas superadas por alguns jornalistas, como por exemplo, André Trigueiro do programa “Cidades e Soluções.”

3- A TV E A ABORDAGEM AMBIENTAL

Gonçalo (2006), em seu estudo sobre o Globo Repórter relata que os meios de comunicação apresentam linguagens e estruturas de elaboração e ordenação de sentidos particulares. A televisão possui uma linguagem específica caracterizada pelo uso de frases curtas e objetivas, linguagem simples e texto casado à imagem. Por ser um meio extremamente visual, não podemos desconsiderar a importância da imagem, que para o telejornalismo sintetiza a informação e imprime, de forma visual, coerência significativa ao fato reportado, isto é, a imagem ilustra uma história e a palavra a ratifica.

O jornalismo ambiental, do ponto de vista conceitual, prevê uma abordagem com caráter informativo e educativo comprometido com um modelo social sustentável e relacionado com o comportamento individual da sociedade, de forma sistêmica e transversal, discutindo suas possíveis soluções. Daí a preocupação com o tipo de abordagem e seu grau de profundidade? Que tipo de relação o jornalista considera? De acordo com Capra (1996, p. 232) a relação de causa e efeito, comumente utilizada pela mídia não se aplica às questões ambientais: “[...] as relações entre membros de uma comunidade ecológica são não lineares”, ou seja, a relação causa e efeito são raras nos ecossistemas e, portanto, superficiais. Os problemas ambientais não se limitam a um único efeito, eles se espalham em padrões cada vez mais amplos.

Um bom exemplo de abordagem ambiental é o programa “Cidades e Soluções” da Globo News. Na ótica do Jornalismo Ambiental propriamente dito, O “Cidades e Soluções” vêm, desde sua primeira exibição, abordando as questões ambientais de forma ampliada considerando suas conexões com os principais setores da sociedade (saúde, economia, sociedade e natureza, educação, ecoturismo, consumo consciente e etc); tornando-se o primeiro programa de TV livre de carbono (Carbono Free). Para tanto, André Trigueiro coordena a produção dos conteúdos de cada programa dentro de linguagens e estratégias de argumentação características por sua relevância e especificidade.

Sendo assim, mesmo com sua capacidade de abordar temas diversos, sejam eles complexos ou não, o jornalismo tem algumas restrições que podem dificultar sua utilização nas escolas. Mas vejamos no item a frente como se dá essa relação jornalismo e educação.

4- O JORNALISMO E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Foi com a constituição e 1988 que a Educação Ambiental foi estabelecida nos níveis federal, estadual e municipal. Porém, a conferência de Tbilisi, realizada em 1977, definiu a Educação Ambiental como instrumento de capacitação de cidadãos aptos a reivindicar seus direitos, questionar e defender seus valores. Mas a atuação ambiental brasileira no cenário internacional só se efetivou, por assim dizer, a partir da Eco 92.

A Educação Ambiental tem um papel transformador como afirma Leonardi (1997, p.203):

“A educação ambiental para a sustentabilidade equitativa é um processo de aprendizagem permanente, baseado no respeito a todas as formas de vida. Tal educação afirma valores e ações que contribuem para a transformação humana e social e para a preservação ecológica. Ela estimula a formação de sociedades socialmente justas e ecologicamente equilibradas, que conservem entre si relação de independência e diversidade. Isto requer responsabilidade individual e coletiva a nível local, nacional e planetário”

Mas promover a educação ambiental não é uma coisa simples, considerando a compreensão do próprio ambiente que englobam concepções biológicas, culturais, políticas e econômicas. Além disso, Leonardi (1997) ressalta o desafio do objetivo da Educação Ambiental para além dos seus princípios básicos (não-neutralidade, interdisciplinaridade, valorização estético-cultural e cidadania) ao frisar que:

“Contribuir para a conservação da biodiversidade, para a auto-realização individual e comunitário e para a autogestão política e econômica, mediante processos educativos que promovam a melhoria da qualidade do meio ambiente e da qualidade de vida” (Leonardi, 1997, p. 205)

Como vimos, a implantação da Educação Ambiental é um processo complexo que engloba muitas variáveis, como por exemplo, o sistema nacional de ensino pautado em disciplinas e conteúdos programáticos definidos através dos Parâmetros Nacionais (PCN). Significa dizer que sua real implantação esbarra em questões de ordem estrutural, cultural, política e social.

Além disso, à necessidade de programas interdisciplinares para a implantação da educação ambiental acabaram fracassando devido a dificuldade de integrar os métodos de ensino agrade curricular vigente, ou seja, “a educação ambiental requer a construção de novos objetos de estudo através da problematização dos paradigmas dominantes, da formação de docentes e da incorporação do saber ambiental emergente em novos programas curriculares” (LEFF apud REIGOTA, 2001, p.115). E Leff (2001) também atenta para a redução da interdisciplinaridade e a incorporação de uma consciência ecológica no currículo nacional.

Considerando esses entraves da Educação Ambiental e a dificuldade de implantação adequada da interdisciplinaridade levantamos a utilização do Jornalismo Ambiental como ferramenta de inserção da temática ambiental e da incorporação de uma consciência ecológica nas disciplinas curriculares. Mas como trabalhar educação ambiental e Jornalismo Ambiental de forma conjunta? Uma boa alternativa é utilizar programas jornalísticos como material didático na discussão e introdução das questões ambientais na escola.

O Jornalismo Ambiental como recurso didático identificamos no “Cidades e Soluções” um excelente repertório ideal a discussão das principais temáticas ambientais numa ótica multidisciplinar e dinâmica, permitindo aos professores a ampliação dos conteúdos e extensão destes para além das disciplinas. Por exemplo, quando o “Cidades

e Soluções” abordou o consumo consciente de energia e trouxe a discussão o pioneirismo da cidade de Curitiba no uso consciente energias renováveis; essa abordagem não se limitou unicamente a mostrar as alternativas energéticas foram levantados os aspectos: políticas públicas locais, consumo consciente, tipos de aquecedores de água(o aquecedor solar de água industrial e também o “artesanal” feito com materiais recicláveis), o impacto dessa mudança em nível, educacional, social, cultural, econômico e político.

Significa dizer que através do Jornalismo Ambiental é possível sim trazer a tona questões ambientais e trabalhar a educação de forma clara dinâmica e transversal.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Considerando tudo o que foi apresentado, podemos afirmar que essa crise civilizacional caracterizada pelos limites do crescimento e pelo paradigma de produção capitalista exigem, para sua manutenção, uma conscientização da sociedade fundada nas bases da educação formal. Porém tal realidade encontra dificuldades de aplicação que podem ser minimizadas com a introdução de metodologias de ensino mais dinâmicas e participativas.

Através da capacidade de tradução e de simplificação de conteúdos dos meios de comunicação, em especial da televisão, pode atuar como ferramenta didática para a educação ambiental. Além disso, a TV é capaz de fornecer o arcabouço de conteúdo necessário a essa conexão educação e comunicação.

Mas não podemos esquecer que a utilização do Jornalismo Ambiental, assim como a educação ambiental, necessita de adaptações e de aprofundamentos para sanar suas sensibilidades de conteúdo, forma e oferta levantadas no item segundo deste ensaio.

Tomando como base essa pequena discussão conceitual sobre a junção Jornalismo Ambiental e educação ambiental precisamos considerar a constatação de Enrique Leff (2001, apud REIGOTA, p. 123) de que “na educação ambiental confluem os princípios da sustentabilidade, da complexidade e da interdisciplinaridade. ”. Sendo assim, a integração das duas teorias é uma alternativa possível e que pode ser implementada de forma transversal e interdisciplinar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. 13ª ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

GONÇALO, Luciana L. B. *O Meio Ambiente e Francisco José: produção e concepção*. 124p. (Monografia do Departamento de Comunicação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

LEFF, Enrique. *Educação Ambiental e desenvolvimento sustentável*. In: REIGOTA, M. (Org.). *Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LEONARDI, Maria Lúcia. A educação ambiental como um dos instrumentos de superação da insustentabilidade social atual. In: CAVALCANTI, Clovis (Org.) *Meio Ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas*. São Paulo: Cortez, 1997.

LINHARES, Maria Gorete de Almeida. *Do ambiente ao meio: diversidade de um discurso*. 302 p. (Dissertação de Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

OLIVEIRA, Fabíola de. *Jornalismo Científico*. São Paulo: Contexto, 2002.

MORAIS, Regis de. *Educação, mídia e meio-ambiente*. Campinas(SP): Alínea, 2004.

VILAS BOAS, Sérgio. *Informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos*. São Paulo: Summus, 2004.